

A
Plenitude
do Ser

**TINA
TURNER**

O GUIA PARA UMA
VIDA TRANSFORMADA


ALTA LIFE
EDITORA
Rio de Janeiro, 2022

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	VII
<i>Introdução</i>	XI
CAPÍTULO UM: Abraçando a Natureza	1
CAPÍTULO DOIS: Nossos Mundos Interiores	21
CAPÍTULO TRÊS: O Hino dos Anjos	41
CAPÍTULO QUATRO: Defenda a Sua Vida	61
CAPÍTULO CINCO: Transformando Veneno em Remédio	89
CAPÍTULO SEIS: A Revolução no Coração	113
CAPÍTULO SETE: Cante a Vida	143
CAPÍTULO OITO: De Volta ao Lar	165
<i>Posfácio</i>	193
<i>Glossário</i>	203
<i>Bibliografia</i>	213
<i>Índice</i>	215
<i>Sobre os Autores</i>	221

Capítulo Um

ABRAÇANDO A NATUREZA

Obrigada por você ser você, exatamente como é. Obrigada pela tapeçaria das suas experiências de vida, que o trouxeram até estas palavras que escrevi para você.

Obrigada por abrir este livro, para que eu possa compartilhar com você as lições espirituais que aprendi ao longo de mais de 80 anos de vida.

Acredito que cada um de nós nasce com uma missão particular, com um propósito de vida que só nós podemos cumprir. Uma responsabilidade compartilhada nos une: fazer com que esta família, que é a humanidade, se torne mais gentil e mais feliz.

Comecei a me familiarizar com o funcionamento do Universo a partir de minhas experiências cotidianas durante minha infância em Nutbush, Tennessee, uma pequena cidade rural. Eu adorava sair, correr pelos campos, olhar os corpos celestes no

céu, ficar com os animais — domésticos e selvagens — e ouvir os sons da natureza.

Ainda menina, eu sentia o poder secreto do Universo enquanto caminhava pelos pastos abertos, todos os dias. A convivência com a natureza me ensinou a confiar na intuição, que sempre me mostrava o caminho de casa quando eu estava perdida, o melhor galho de uma árvore para eu me balançar ou onde uma pedra traiçoeira se escondia no meio de um riacho.

Apreendi a ouvir meu coração, que me ensinou que você e eu estamos conectados um ao outro e a tudo mais neste planeta. Estamos unidos pela natureza misteriosa da própria vida, pela energia criativa fundadora do Universo.

Neste nosso mundo intrincado, no qual contradições são abundantes, encontramos belezas de tirar o fôlego nos lugares mais improváveis. Os arco-íris mais radiantes aparecem depois das nuvens de tempestade mais pesadas. As borboletas mais magníficas emergem dos casulos mais insossos. E as flores de lótus mais belas desabrocham da lama mais profunda e pegajosa.

Por que você acha que a vida funciona assim?

Talvez o objetivo desses arco-íris, borboletas e flores de lótus seja lembrar-nos de que nosso mundo é uma obra de arte mística — uma tela universal sobre a qual todos nós pintamos nossas histórias, dia após dia, com as pinceladas dos nossos pensamentos, das nossas palavras e dos nossos atos.

Mesmo que essa visão da vida tenha sido instintiva para mim desde a infância, foi só com 30 e poucos anos que comecei a ter consciência dela. Não sei dizer se a garota de 9 anos que

colhia algodão no Tennessee sonhou que um dia sua versão de 49 anos apertaria a mão da rainha da Inglaterra. No entanto, em algum nível profundo, até esses sonhos mais improváveis já estavam no meu imaginário.

Quem esperaria algum desfecho extraordinário para uma camponesa como eu, nascida no final da Grande Depressão e nos primórdios da Segunda Guerra Mundial? No entanto, a jornada da minha vida tem sido como uma flor de lótus, florescendo mesmo contra as probabilidades, emergindo cada vez mais forte.

Não importa onde você tenha nascido ou quem sejam seus pais, sinto que todos começamos com uma combinação de circunstâncias, com um pouco de escuridão e de luz. Alguns experimentam mais uma do que a outra. E acredito que existe uma ligação inextricável entre nossos ancestrais e nós, que construímos a partir do que fizeram aqueles que vieram antes de nós.

Se há uma lição que aprendi, é que deparar-se com adversidades, como fiz, não é necessariamente ruim. É o que fazemos com elas, como as usamos para moldar a nós mesmos e ao nosso futuro, que, em última análise, determina nosso sucesso e felicidade.

Quanto mais pegajosa a lama, mais forte é o lótus que floresce dela, transpondo-a para alcançar o sol. O mesmo vale para as pessoas. Eu sei, porque fiz isso. E sei que você também consegue.

Como fiz isso? É o que quero lhe contar.

Minha cidade natal, Nutbush, fica ao longo das estradas ladeadas de madressilvas do Condado de Haywood, no Oeste do Tennessee. Haywood foi e ainda é uma área agrícola tranquila, com uma religiosidade arraigada. É o lar da mais antiga sinagoga judaica do Tennessee, construída em 1882, bem como de lugares nos quais meus familiares há muito congregam, a Spring Hill Baptist Church e a Woodlawn Baptist Church, ambas fundadas pelo escravo emancipado Hardin Smith. Educado às escondidas pela esposa de um fazendeiro, Smith tornou-se um pregador respeitado e fundou a congregação que se tornou a Igreja Batista Woodlawn, na qual meu avô e meu pai serviram como diáconos.

Graças à dedicação do reverendo Smith à educação, na virada do século XX, nosso condado tinha a maior taxa de alfabetização do Tennessee entre a população negra. Uma das escolas que ele fundou para crianças negras se tornou a Carver High School, que frequentei. Ele também reuniu músicos e cantores negros, buscando oportunidades para eles se apresentarem, e lançou as bases para as fortes tradições musicais da região, das quais mais tarde me beneficiei.

Cheguei no final de 1939, nascida com segurança em um porão sem janelas, relegado ao parto das mulheres “de cor”, no hospital municipal. Meus pais me deram o nome de Anna Mae, o único nome pelo qual fui conhecida até virar adulta.

Meu pai, Richard Bullock, era meeiro dos Poindexters, uma família branca. Morávamos em uma casa própria de quatro cômodos, com um jardim de 4km² lotado de vegetais, ao lado da fazenda em que os Poindexters residiam.

Branco raramente recebiam negros em casa, mas Alline, minha irmã mais velha, e eu costumávamos ser convidadas para lanche e tomar limonada com os Poindexters. Quando havia outros brancos por perto, sabíamos que não podíamos entrar.

O racismo era comum, e, como muitos condados do Sul da metade do século XX, o nosso não era imune à violência. Um ano depois de eu nascer, o último linchamento conhecido no Tennessee aconteceu não muito longe da nossa casa.

Um homem chamado Elbert Williams foi um dos primeiros organizadores dos direitos civis na região. Em 1940, Williams tentou registrar eleitores negros — um direito que há muito era negado. Ele logo pagou o preço derradeiro por aquele ato de coragem. Em uma noite horrível, foi sequestrado em sua casa por um xerife e por uma gangue de outros homens brancos que acabaram com sua vida brutalmente.

O assassinato do Sr. Williams silenciou o movimento dos direitos civis em nosso condado por duas décadas.

Às vezes, eu via aquele xerife ainda em serviço, apesar de seus crimes. As pessoas não falavam sobre isso. Coisas assim simplesmente não eram discutidas. Havia uma tranquilidade vulnerável entre os cidadãos segregados do condado de Haywood que ninguém queria perturbar.

Embora o racismo fosse galopante, eu tinha coisas mais imediatas com que me preocupar, começando pela percepção precoce de que meus pais não se suportavam. Eles brigavam constantemente, presos em uma batalha irremediável que nenhum dos dois poderia vencer. A infelicidade deles lançou uma extensa sombra sobre a minha infância.



Que interminável
cadeia de infelicidade
o preconceito forja!

— LENA HORNE

“Amar o próximo”

é um preceito que transformaria o mundo
se fosse universalmente praticado.

— MARY MCLEOD BETHUNE



Minha mãe, Zelma, era carinhosa com a minha irmã, mas diferente comigo. Eu sabia que era a filha que ela não queria ter tido. É um fardo pesado demais para uma menina carregar.

Meus pais tentaram escapar de Nutbush várias vezes, na esperança de que uma mudança de cenário lhes desse uma nova vida, e deixaram suas filhas pequenas para trás. Quando eu tinha apenas 3 anos, eles foram trabalhar em uma base militar em Knoxville, a mais de 560km. Não tínhamos telefone, então não tivemos contato enquanto ficaram fora. Pareceria mais perto se tivessem ido para a Lua; ao menos eu podia vê-la.

Embora minha mãe fosse emocionalmente distante de mim, meus parentes por parte dela eram acolhedores e carinhosos. Eu adorava a vivacidade da minha avó, Mama Georgie, e minha prima Margaret, 3 anos mais velha que eu. Margaret foi minha primeira mentora, melhor amiga e irmã de alma, e, de certa forma, era até uma figura materna — incluindo ter “a conversa” comigo quando entrei na adolescência, a única pessoa que o fez.

Quando meus pais foram embora, mandaram Alline ir morar com Mama Georgie e me deixaram com a outra parte da família, meus avós paternos, Mama Roxanna e Papa Alex, pessoas severas e sombrias, altamente carolas. Foi agonizante. Eu era animada e espirituosa, adorava correr no campo, deitar na terra, rir com os amigos, dançar pela casa, deixar os cabelos soltos. Nem um pouco da minha intrepidez natural era permitida em casa.

Mama Roxanna me obrigava a ir à igreja, e meu desânimo era agravado pelo calor sufocante de lá. Não havia ar-condicionado, é óbvio, e era desconcertante para minha mente jovem

que todo mundo se arrumasse só para ir se sentar em um forno tórrido e ouvir um sermão. Nunca entendi do que o pregador falava, pois ninguém se preocupava em explicar para as crianças. Para mim, sentada ali, encharcada de suor, era apenas um teste de resistência.

A certa altura, meus pais nos deixaram ir visitá-los em Knoxville. Enquanto estávamos lá, frequentamos uma igreja pentecostal, o que foi uma experiência muito diferente da subjugação da igreja batista. A igreja “santificada” se inflamava, o que eu achava muito mais agradável. As pessoas às vezes “sentiam o Espírito” e começavam a berrar, dançar e cantar nos corredores. Definitivamente, era cheio de ação, muito mais o meu estilo. Eu me juntei a eles de imediato, cantando e dançando.

Um dia, fiquei tão empolgada que tirei a saia enquanto dançava. Algumas pessoas até caem e têm convulsões. Eu achava que eles ficavam animados até demais. Embora a experiência pentecostal não tenha surtido um efeito muito maior em mim do que os cultos batistas, mais calmos, era um verdadeiro espetáculo. E foi divertido!

Em casa, tornou-se obrigatório frequentar a Escola Dominical Batista. Às vezes, era apazível, porque era bom estar com outras crianças. Mas, quando finalmente tive idade para entrar no coral, foi o meu momento. Eu tinha 8 ou 9 anos e era a cantora mais jovem do grupo, os outros eram adolescentes. Mesmo naquela idade, eu tinha a voz mais potente do coral e muitas vezes era escolhida para solar. Como não tínhamos telefone em casa, aprendi a projetar a voz para falar com amigos e vizinhos

sem ferir as pregas vocais, o que fez com que minha voz ficasse mais forte, um talento que me veio a calhar mais tarde na vida.

Meus pais voltaram para Nutbush quando eu tinha 5 anos, então me liberei do ambiente sufocante da casa dos meus parentes. No entanto, nossa casa não era muito melhor, porque meus pais ainda se atracavam com unhas e dentes.

Sempre que eles brigavam, eu saía correndo de casa à procura de um lugar tranquilo para me acalmar. Sentada perto de um riacho, eu observava as libélulas pairando sobre a água, pousando sobre a superfície para matar a sede e, em seguida, disparando, desaparecendo tão rapidamente quanto surgiram.

Eu sonhava acordada em criar minhas próprias asas para que pudesse voar para um lugar mais feliz — uma casa na qual ninguém brigasse e na qual eu fosse vista e amada.

Aquilo era só um sonho. Quando eu estava com 11 anos, minha mãe foi embora, de vez. Ela se mudou para St. Louis. Nunca me enviou uma única carta. Nada. Todos os dias, eu esperava que chegasse algum contato, desejando que ela se lembrasse de mim, mas não a vi novamente até o funeral de Mama Georgie, mais de 5 anos depois.

Logo depois que fiz 13 anos, meu pai também foi embora. Seu destino foi Detroit.



Mergulhe fundo em você todos os dias
e encontre a força interior,
para que o mundo nunca apague sua chama.

— KATHERINE DUNHAM

Todos têm algum tipo de dom,
nem que seja aquele
de ser um grande amigo.

— MARIAN ANDERSON



No começo, meu pai se esforçava para manter contato e volta e meia mandava um dinheiro para ajudar nossos parentes a cuidarem de mim. Mas ele nunca mais voltou. Fui uma criança sem pais e sem casa de verdade.

Felizmente, eu ainda tinha minha prima Margaret.

Margaret e eu éramos confidentes e o porto seguro uma da outra, compartilhando nossos sonhos e nossos segredos. Quando eu tinha 14 anos, ela me contou um segredo que eu nunca esperava ouvir: estava grávida. Essa notícia me deixou confusa, porque Margaret sempre foi muito cuidadosa. Ela só tinha 17 anos, não era muito de ficar com meninos como algumas outras meninas ficavam e seu maior sonho era fazer faculdade.

Ela me confidenciou que chegara à conclusão de que ter um bebê e ir para a faculdade eram realidades incompatíveis, então estava determinada a interromper a gravidez. Ela não sabia como, então tentou remédios caseiros tradicionais, como beber preparações quentes de pimenta-do-reino, em tentativas vãs que só resultaram em dor de estômago e um gosto ruim na boca.

Tragicamente, no final de janeiro de 1954, apenas uma semana após me revelar seu maior segredo, Margaret morreu em um terrível acidente de carro.

Eu não conseguia acreditar. Não minha Margaret. A luz da minha vida. Fiquei devastada. Perdida. Sozinha.

A morte era algo em que eu não tinha pensado muito antes de Margaret morrer. Fui ao funeral de Papa Alex quando tinha 11 anos, mas, honestamente, quando o vi deitado quieto no caixão, ele parecia que estava em um sono tranquilo. Per-

der Margaret foi muito diferente. Nada nunca me atingira com tanta força.

Testemunhei o ciclo de vida e morte na natureza, que faz plantas e animais irem e virem em seu próprio ritmo. E eu tinha ouvido falar de mortes em nossa comunidade, jovens e velhos, em todo tipo de circunstância. Mas dessa vez foi muito pessoal.

Depois que Margaret morreu, falou-se muito sobre a vontade de Deus. Afinal, nossa comunidade era profundamente batista, e essa foi uma resposta natural à súbita tragédia que a matou e a alguns outros jovens, incluindo minha meia-irmã Evelyn (filha de um relacionamento anterior da minha mãe). Pensando nos mistérios da vida e da morte, concordei com a ideia de que existe uma força universal subjacente a nós. Mas pensar em um velho barbudo branco no espaço, monitorando atividades aqui na Terra, parecia nada aceitável e simplesmente irreal.

Eu não conseguia verbalizar a minha ideia de Deus, pois não tinha vocabulário suficiente. Mas, desde que me entendo por gente, eu sabia que poderia experimentar o “divino” na Mãe Natureza. Algo me dizia que eu tinha um pedaço de Deus em meu coração, mesmo que as crenças tradicionais dos meus familiares e a forma como praticavam a religião não fossem adequadas para mim. Eu gostaria que eles praticassem o que pregavam e que tivessem uma vida mais positiva.

Em particular depois da morte de Margaret, eu sabia que teria que descobrir o meu jeito de seguir em frente, para pavimentar o meu caminho para a plenitude.

Passei muito tempo ao ar livre, onde conseguia pensar em paz. A natureza foi o único lugar no qual sempre me senti bem-

-vinda e tinha uma sensação de pertencimento — meu verdadeiro lar na infância. Fosse sentada no jardim à noite, olhando o céu estrelado, fosse deitada à sombra de uma tulipa ao meio-dia, vendo as borboletas se resvalando, eu sentia a força curativa do amor em toda a natureza e a absorvia.

Não deixei que a situação instável da minha família me impedisse de encontrar diversão no mundo ao meu redor. Naquela época, Nutbush e outras áreas ao norte de Memphis eram uma meca para os músicos locais e itinerantes de gospel, blues e jazz. Eles se apresentavam em nossas igrejas, cafés e juke joints,¹ e se tornaram minhas primeiras influências musicais. Eu adorava ouvir todos os diferentes tipos de música e fazia isso sempre que podia. Não tínhamos toca-discos, mas sempre tivemos um rádio, o que já me bastava.

Eu gostava de cantar no coral da igreja e volta e meia tocava com o Sr. Bootsie Whitelow, um nativo popular de Nutbush, e sua banda de cordas. No colégio, meu professor de música até me ensinou a cantar ópera. Eu também tinha outros interesses e me destacava como líder de torcida, no atletismo e no basquete.

Mas, acima de tudo, amo filmes. Sempre que tinha chance, ia ao cinema local, decorava as cenas e as encenava para a minha família quando eu chegava. Depois de ver *Quatro Destinos*, gostei de representar a cena em que Jo e Amy (interpretadas por June Allyson e Elizabeth Taylor) fingem desmaiar. Uma vez, fui tão convincente caindo sem vida no chão, que minha irmã ficou com medo, pensando que eu realmente tinha desmaiado!

¹ Pequenos bares informais com música, dança e jogos, dirigidos por afro-americanos. Muitos historiadores os apontam como responsáveis pelo surgimento do blues. [N. da T.]

Imaginar estar em uma tela de cinema me ajudou em muitos momentos difíceis. Enquanto eu trabalhava no campo, colhendo algodão e morangos no calor opressor, imaginava um paraíso distante no qual poderia viver como as elegantes estrelas de cinema. Eu não tinha ideia de onde encontrar essa magia “hollywoodiana”, mas sabia, no fundo, que não estava destinada a ficar na fazenda. Sabia que as minhas circunstâncias não limitavam as minhas possibilidades. Tinha certeza de que um dia encontraria o meu lugar no mundo.

A visita que fiz a Knoxville no verão, aos 5 anos, já tinha me dado um gostinho de outra realidade — uma com prédios de tijolos altos, ruas amplas e lojas limpas e reluzentes cheias dos produtos mais modernos. Onze anos depois, quando Mama Georgie repentinamente faleceu, minha mãe me convidou para morar com ela, em St. Louis. Foi quando comecei uma vida totalmente nova.

Morando em uma cidade grande pela primeira vez, eu me senti uma estranha. Mas, como sempre me senti uma estranha na minha própria família, consegui me adaptar logo. Quando fiz 17 anos, fui ao Club Manhattan, uma boate movimentada e toda enfumaçada, na qual conheci dois homens que desempenhariam papéis importantes na minha vida.

O primeiro foi Raymond Hill, um saxofonista talentoso com quem tive um breve romance e meu amado filho Craig. O segundo foi Ike Turner, músico e líder de banda, famoso por sua inovadora canção, “Rocket 88”.

Ike me viu no Club Manhattan e me convidou para cantar com sua banda. Ele se tornou meu mentor e lançou minha carreira musical. Foi chocante! Lá estava eu, uma adolescente de pé no palco, com roupas finas, cantando com o coração. Nunca imaginei que esse tipo de carreira fosse possível para mim. Parecia a realização de um sonho, ainda que fosse mais o oposto.

Em uma decisão um tanto precipitada, Ike se tornou meu primeiro marido. O melhor fruto da nossa relação foi meu segundo filho amado, Ronnie. Ike e eu também criamos os dois filhos do seu primeiro casamento, Ike Jr. e Michael, então virei mãe de quatro filhos enquanto tentava me entender como mulher.

Viver com Ike foi uma série de provações. Ele mudou meu nome de Anna Mae Bullock para Tina Turner nos primeiros dias de nosso relacionamento, apesar dos meus protestos. Depois disso, durante nossa difícil ascensão à fama, nos anos 1960, como Ike & Tina Turner Revue, sofri anos de violência doméstica, tanto emocional quanto física. Olhos roxos, lábios arrebentados, luxações, ossos quebrados e tortura psicológica passaram a fazer parte do meu cotidiano. Eu me acostumei a sofrer e tentei me manter sã enquanto, de alguma forma, continha a insanidade dele. Eu sentia que não havia saída.

Em meados da década de 1960, alcançamos o sucesso com algumas de nossas canções, e, em 1966, meu solo de “River Deep Mountain High”, produzido por Phil Spector, foi um sucesso no Reino Unido e na Europa. Graças a isso, os Rolling Stones nos convidaram para uma turnê internacional com eles, no outono do mesmo ano, que foi outro sonho que se tornou realidade.

No entanto, depois que voltamos aos Estados Unidos, nossa convivência piorou. A pressão para obter resultados intensificou as inseguranças de Ike e alimentou sua dependência química, tornando seus ataques de violência mais frequentes.

Comecei a perder a esperança.

Em 1968, eu estava tão deprimida e desanimada que não conseguia nem pensar direito. O abuso e as infidelidades de Ike me anestesiaram, tiraram minha autonomia, poder de julgamento e brilho de vida. A única coisa que eu sentia era o fundo do poço. Uma noite, antes de subir ao palco, tentei suicídio tomando cinquenta calmantes. As pessoas que estavam nos bastidores perceberam que havia algo muito errado comigo e me levaram às pressas para o hospital, o que salvou a minha vida.

Quando acordei e percebi que ainda estava viva, fiquei frustrada. Eu achava que a morte era minha única saída. Mas não era da minha natureza ficar no chão por muito tempo. Por quase 29 anos, sempre encontrei um jeito de me levantar e seguir em frente, apesar de todas as provações que tive na vida. Na verdade, este era o meu mantra, antes mesmo de eu saber o que é um mantra: “Eu vou seguir em frente.”

Dessa vez, também, fiz o máximo que pude para me livrar do desespero. Se esse fosse o meu destino na vida, pensava, eu de alguma forma tiraria o máximo proveito. Então, ocorreu-me que eu talvez tivesse sobrevivido por um motivo, por algum propósito maior. Daquele momento em diante, não importaria o quão difícil fosse a vida, meu instinto e meu coração me diziam para sempre seguir em frente.

Para onde iria? Eu ainda não fazia a menor ideia.



Nunca subestime o poder dos sonhos
nem a influência do espírito humano...
O potencial para a grandiosidade vive dentro de cada um de nós.

– WILMA RUDOLPH

Quando perder o rumo
e seu coração não conseguir guiá-lo para casa,
deixe fluir e deixe que Deus...
Nam-myoho-renge-kyo,
Nam-myoho-renge-kyo,
Nam-myoho-renge-kyo.

– OLIVIA NEWTON-JOHN, “LET GO LET GOD”



O início dos anos 1970 foi difícil, tanto em termos pessoais quanto profissionais. Não tínhamos emplacado nenhum grande sucesso nos últimos anos, então me encarreguei de fazer algo a respeito. Eu queria escrever uma música. Estava ajudando um compositor que trabalhava conosco, aprimorando uma composição dele, e pensei: *Se ele pode escrever canções, eu também posso.*

Ao longo dos anos, ouvi compositores dizerem: “Escreva sobre o que conhece.” Seguindo esse conselho, minha primeira investida foi uma música que escrevi em 1973, “Nutbush City Limits”, sobre o lugar onde nasci. Foi um sucesso, principalmente na Europa. Isso aliviou nossos problemas financeiros e me deixou muito feliz, porque me vi capaz de fazer algo criativo. Mas as crianças e eu ainda sofriamos em casa, vivendo à mercê do humor e do temperamento de Ike.

Muitas vezes, eu ficava angustiada e exaurida com o abuso, e estava cada vez mais difícil escondê-lo das pessoas ao meu redor, que não eram cegas aos meus problemas. Quando ficávamos sozinhos, tentavam abordar o assunto, dizendo coisas como: “Espero que esteja se cuidando.” Eu sabia que era um modo de dizer: “Por que não se livra desse caos?”

Um dia, nosso engenheiro de som disse algo diferente para mim. “Tina, você deveria recitar mantras.² Vai mudar sua vida.”

Eu não sabia exatamente o que era recitar mantras e não pedi explicação. Não era o que os hippies faziam? Logo me esqueci daquilo.

² Na prática budista de Tina Turner, também é conhecido como “prática do daimoku”, o que consiste na recitação do mantra “Nam-myoho-renge-kyo”. [Nota dos autores para a edição brasileira.]

Alguns meses depois, meu filho mais novo, Ronnie, chegou em casa carregando o que parecia ser um rosário de madeira envernizada. Ele disse, entusiasmado: “Mãe, isso aqui são contas de oração budistas. Se você recitar *Nam-myoho-renge-kyo*, pode ter qualquer coisa que quiser.”

Quê?! Como era possível ter qualquer coisa que quisesse? Eu nem sabia como processar aquela informação.

“É meio místico, mas tudo faz sentido”, garantiu ele. “Nem sei explicar direito. Vamos subir a rua para uma reunião para recitar daimoku (*Nam-myoho-renge-kyo*) e aprender mais?”

Em circunstâncias normais, teria ido. Mas, naquela época, eu era basicamente uma prisioneira na minha própria casa; não podia ir a lugar nenhum sem a permissão de Ike. Ele raramente me permitia ir sozinha a qualquer lugar além do supermercado ou do estúdio. Então, disse a Ronnie que ele podia convidar as pessoas da reunião budista para nos visitar, mas que eu não podia ir até elas. Este foi o meu segundo contato com o mantra, mas que também não deu em nada.

Algumas semanas depois, Ike chegou em casa com uma mulher de alma leve, que queria me conhecer. Ele sempre desfilava pela casa com pessoas para “ver a Tina”. Do nada, ela começou a falar sobre recitar mantras. Ela era budista.

Parecia que o Universo queria a todo custo me enviar uma mensagem importante. Daquela vez, eu estava pronta para ouvi-la.

AMOSTRA

Capítulo Dois

NOSSOS MUNDOS INTERIORES

Foi mais um dia tipicamente bonito no sul da Califórnia — o que se vê em cartões-postais, com céu azul e muito sol. Mas não era típico para mim, porque eu tinha ouvido falar sobre recitar mantras pela terceira vez em poucos meses e não conseguia parar de pensar nisso.

Era 1973, e eu me aproximava do meu aniversário de 34 anos, fazendo o possível para criar quatro adolescentes teimosos enquanto lidava com um arsenal de problemas profissionais e no relacionamento. O estresse era descomunal; ainda assim, mantive toda a pressão dentro de mim. Foi um momento ruim, mas, de alguma forma, eu sentia um lampejo de esperança.

Vivi o suficiente para não acreditar em coincidências. Acredito que tudo o que nos acontece, de bom e de ruim, tem um motivo, mesmo que ele nos escape. Apesar disso, eu perguntava-me por que sofri tanto abuso e negatividade mesmo sem ter feito nada para merecê-los. Pelo menos não nesta vida.